

Quando Pequeno o Pátio Parecia Maior

O ensaio visual de Eduardo Montelli apresenta uma série de imagens fotográficas imbricadas em um texto que, à primeira vista, dão a impressão de que o artista está contando um relato sobre sua casa de infância, como se a estivesse mostrando para um visitante. No entanto, é o artista que revisita esta 'casa' por meio de seus registros digitais, ao realizar um passeio virtual pelos arquivos postados e guardados em sítios e blogs desde 2007. Em sua passagem pelo tempo do arquivo, Montelli remonta memórias que evocam a fala simples do olhar da criança que já não é mais. Num momento, o ensaio se parece a um álbum de fotos de família, noutro, é um diário de bordo do artista que registra suas ideias emergentes, contaminações por artistas referentes, a descoberta de materialidades caseiras – cestas, gaiolas – experimentações cruas do quintal e documentos de trabalho. O que movimenta o artista ao transitar da fotografia para a produção de vídeo? Montelli aponta para uma acumulação de ideias e imagens instantâneas que se transbordam como algo que cresce muito tempo no quintal, para encontrar, neste contexto, uma base sólida para seu processo criativo que interroga a imagem e o arquivamento digitais.

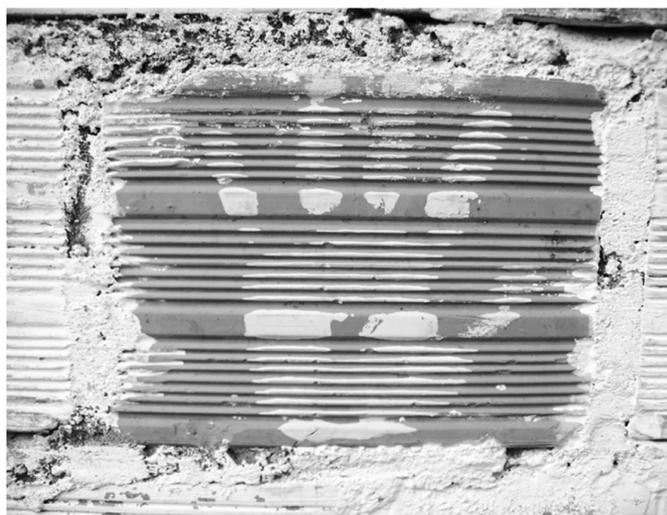
Alice Monsell

When Small the Patio Seemed Bigger

Eduardo Montelli's visual essay presents a series of photographic images and a text that, at first glance, might seem to be him recalling childhood memories, as if he were showing rooms of the house where he grew up to a visitor. But it is the artist who revisits this 'house' through his digital records, as he takes a virtual tour of his photographic files posted and stored on websites and blogs since 2007. In his passage through the time of the archive, Montelli speaks of memories that evoke the simple ways he used to see his own backyard, as the child that is no more. At one point, the essay seems to be a family photo album, at another, it becomes an artist's diary or journal, registering moments of emerging ideas, contamination by referential artists, the discovery of leftover materials, baskets, birdcages and backyard experiments of raw stages of his art, as well as work documents. What moves the artist to transit from photography to video production? Montelli points to an accumulation of ideas, snapshots and images that overflow like something growing a long time in his own backyard, where he finds, his own context, and a solid base for his creative process that interrogates the digital image and archiving.

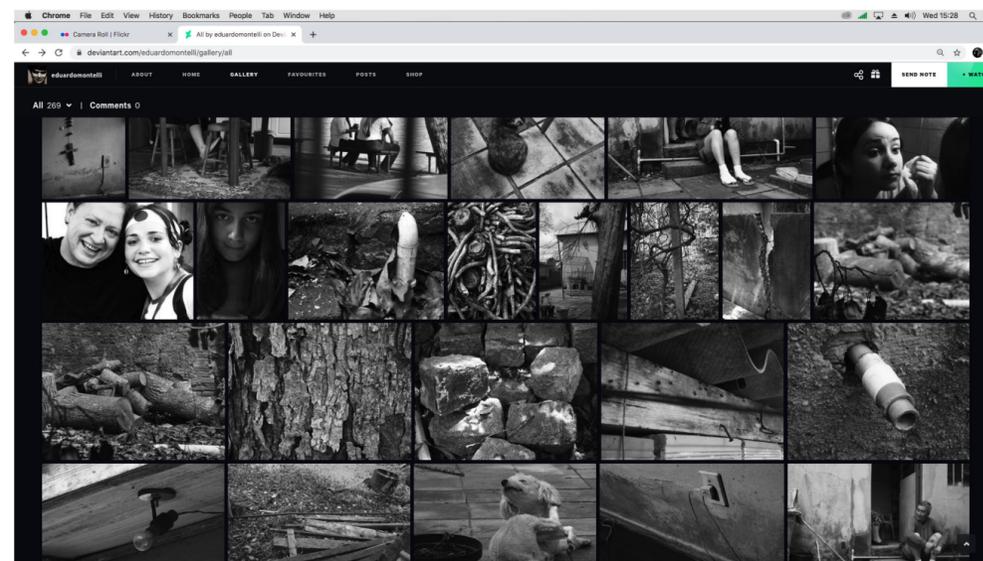
Alice Monsell

Quando pequeno, o pátio de casa parecia maior. Uma floresta de árvores, animais e cantos secretos. Minha diversão favorita era caminhar e descobrir coisas novas ali. Todos os dias em busca de uma jornada diferente, costumava fantasiar que vivia em uma ilha. Rabo de lagartixa mexendo, casulo de borboleta, ovos de lesma e filhotes de cão. Eram conquistas em minhas aventuras, descobertas na ilha. E eu, equipado, todo preparado para a grande missão – ainda que não imaginasse qual.



Rupestre, fotografia digital, 2007

Então, passei no vestibular e comecei a estudar arte: Porto Alegre, 2007, 18 anos. Coexistência de temporalidades. A casa de infância e suas memórias. Tudo aquilo que vem antes de nós. Onde começamos. Uma paisagem, uma locação, um plano de fundo. Contexto. Herança. Pedaco do mundo.



Fotografias postadas em 2007 no site deviantart.com/eduardomontelli

Com aquela vontade fazer arte, inspirado pelas fotografias que vi nas aulas, quase todas em preto e branco, comecei a olhar para meu mundo com a tela iluminada de uma câmera digital. Passeava pelo pátio de minha casa de infância, em busca de restos e vestígios do passado, mas, principalmente, de possibilidades de encontrar arte. É interessante observar que todas as fotografias que fiz durante esses passeios eu postava na internet, para mostrar para meus amigos reais e virtuais, para meus colegas da faculdade e para quem quisesse conhecer meu trabalho ainda incipiente. O tempo passou e eu fui ampliando esse processo de arquivamento-exposição virtual, utilizando outros sites, como flickr, blogspot, orkut, facebook, etc.



Rupestre, fotografia digital, 2012

Visitando meus arquivos no Flickr, encontrei uma foto que fiz em 2012, que mostra o “galpãozinho” em que fiz essa pintura maluca quando criança, marcando com minha mão os tijolos laranjas. A marca ainda está lá e gosto de imaginar que ela é um portal de comunicação entre tempos. Também penso que há certa semelhança entre as fotografias e as mãos marcadas na parede, no sentido de criarem possibilidades de encontros entre tempos, entre lugares e entre sujeitos.



Fotografia feita em 1965 no pátio de casa

Aqui vemos minha mãe, minha tia, meu avô, minha vó e meus bisavôs no mesmo pátio da mão marcada. Esse pátio é coisa do meu avô, que era professor de matemática e trambiqueiro. Ele comprou dois terrenos, tirou o muro do meio e fez um só. Minha mãe cresceu nesse lugar e eu também. O bonito é que podemos ver o envelhecimento - meu, da minha mãe e do meu vô – nas fotografias que temos guardadas de qualquer jeito em uma caixa de sapato. Além disso, podemos ver o envelhecimento do pátio, suas transformações, seus diferentes estados de conservação. Também acho interessante observar a mania de acoplar aos espaços essas imagens que mostram o tempo passando, como o porta-retrato que minha mãe montou com pequenas 3x4 da minha irmã e que fica em cima da lareira da sala.



Fotografia feita em 2018 em minha casa



Fotografia feita em 2011 para mostrar o “viveiro da frente” do pátio

Agora eu queria falar sobre os três viveiros que existem no pátio da minha casa. Todos idealizados por meu avô, inspirado pelo zoológico da Redenção. Ele queria morar numa casa estilo “parque da Redenção”. Ele amava prender passarinhos em gaiolas. Já minha mãe sempre preferiu aquários, ela até trabalhou com isso quando era mais jovem. Mas voltando aos viveiros, primeiro temos o “da frente”, onde ficavam as araras antes de minha vó ter medo de ser presa e as enviar para o Zoológico de Sapucaia.

Nos fundos do pátio, perto da casa onde eu moro, há dois viveiros menos sofisticados onde minha mãe criava galinhas, até que elas fugiram e o cachorro as matou. Uma vez cresceu uma árvore lá dentro.



Sala de visitas, fotografia digital, 2007

Além dos viveiros, das casas e do galpãozinho com a minha mão marcada, temos o galpão dos fundos. Espaço que era para ser um salão de festas, mas o dinheiro do vô acabou. Então, o lugar virou um depósito para tudo que aquilo não servia mais, coisas que a gente não tinha coragem de jogar fora, pois poderíamos precisar um dia. Quando eu era criança eu tinha medo do galpão. Não tinha luz, tinha aranha, rato, fantasma, era horrível. Mas depois que eu virei artista eu entrei lá, protegido com a minha câmera digital.

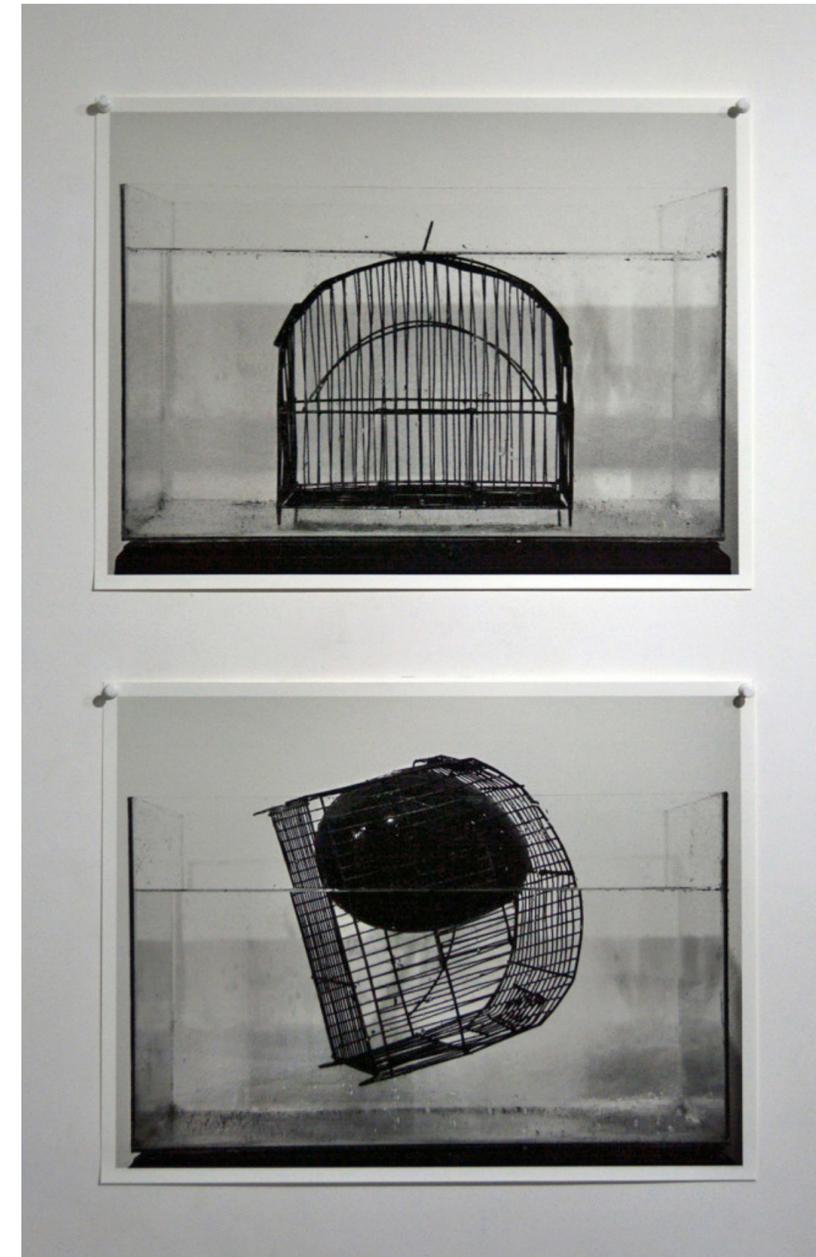


Fotografia que mostra o jornal A CENTELHA, feita em 2013

Lá no começo, em 2007, eu pensei que aquilo ali tinha alguma coisa de arte. Parecia uma instalação, construída pela minha família ao longo de mais de 40 anos. Os objetos guardados, as fotos nos álbuns, as mãos nas paredes. É uma vontade de marcar o mundo, né? Uma vontade de ficar para sempre. Mesmo que aos pedaços, mesmo que só uns restos. Dentro do galpão tinha quase uma casa, ou duas, sei lá, mas tudo espalhado, sujo, solto. Achei também um jornal do qual meu avô era gerente nos anos 30, quando morava em Pelotas.

Mas voltando para o galpão dos fundos. Havia muita gaiola lá dentro, o que sobrou da época do vô. Também estavam lá os aquários da minha mãe. E eu desejei fazer arte com esses objetos, queria tirá-los do limbo em que estavam, trazê-los de volta ao uso, mas não voltando para dentro de casa e sim os levando para uma galeria, um museu, afinal, era tudo tão *ready made*. Entre 2009 e 2011 eu fiz diversas experimentações, no meio disso apareceu um balão que estava lá no meu quarto-ateliê por acaso. Mas balão também é enfeite, como aquário e gaiola, balão também contém, guarda, prende alguma coisa lá dentro. Achei que dialogavam.

O balão se tornou “a coisa”, o objeto, o sujeito, o ser lá dentro da gaiola dentro do aquário. A gaiola dentro do aquário é uma anulação da possibilidade de vida: nem peixe, nem pássaro. Também é como se fosse colocar um espaço dentro do espaço, olhar para o espaço. Além dessas experimentações, fiz outras coisas a partir do galpão. Alguns textos, vídeos, livros e proposições. Em 2013 fiz uma escultura efêmera e improvisada no pátio de casa e filmei a ação. Tirei todos os objetos lá de dentro do galpão, botei para fora e depois foi tudo para o lixo (mas isso a imagem não mostra). Também editei um vídeo chamado “Fundos”, no qual coloquei legendas sobre cada objeto, dizendo seu nome.



Estimação e Suspensão, fotografia digital, 2008



Fundos, vídeo, 2013 – Acessível no site: Fundos, 2013

Preparando esta apresentação, lembrei que o artista brasileiro Hudinilson Jr, que pertenceu ao coletivo 3nós3, veio para Porto Alegre em 2008 para participar de uma exposição na Fundação Vera Chaves Barcellos. Naquela situação, ele fez uma fala para os alunos do Instituto de Artes da UFRGS, entre os quais eu estava presente. Hudinilson mostrou as intervenções que seu coletivo realizou nos anos 70. Uma delas consistia em passar fita adesiva na entrada de galerias comerciais de arte, lacrando sua entrada e deixando cartazes com a frase “o que está dentro fica, o que está fora se expande”. Acho que eu fui um pouco contaminado com essa energia “anos 70” do Hudinilson e de muitos outros artistas que eu amo. Esse aquário, essa gaiola, esse balão preso falam um pouco sobre isso também. São objetos que ao mesmo tempo servem para contemplação e para criar vidas, vidas que se desenvolvem sobre os olhos e o controle daqueles que estão de fora. Há algo de perverso nessa vontade de possuir coisas belas limitando suas vidas a determinados espaços e formatos, né?



Caverna, fotografia digital, 2011

Então pensei em um novo trabalho, em 2011, chamado *Caverna*, como na alegoria de Platão. Era um aquário feito com vidro jateado e dentro dele coloquei uma escada de uma gaiola de hamster que estava guardada no galpão. A primeira vez que mostrei esse objeto foi na Biblioteca da Educação da UFRGS, depois instalei no meio da Av. Borges de Medeiros e a última vez que mostrei foi em uma exposição em São Paulo (depois disso ele quebrou e se perdeu por aí). A escada está ali, o aquário vazio, não sabemos se algo está para entrar ou se já saiu. No mito de Platão, as pessoas vivem presas em cavernas e só podem ver sombras de uma realidade externa, até que alguém sai de lá e descobre que o que achavam que era real, na verdade, eram só projeções. É a mesma narrativa do filme *Matrix*, do *Show de Truman*, entre outros. Um despertar para uma realidade maior e além do nosso meio. Mas no meu aquário eu coloquei vidro jateado, que produz um efeito de desfoque. Quanto mais perto, mais a gente vê, quanto mais longe, mais as coisas desaparecem. De longe, a gente não vê a escada, por exemplo, só quando se aproxima. E, se a gente estivesse lá dentro do aquário, a gente não veria nada do que tem fora. Mas temos a escada. Uma possibilidade de trânsito, circulação, movimento, ir e vir, descobrir, conhecer.

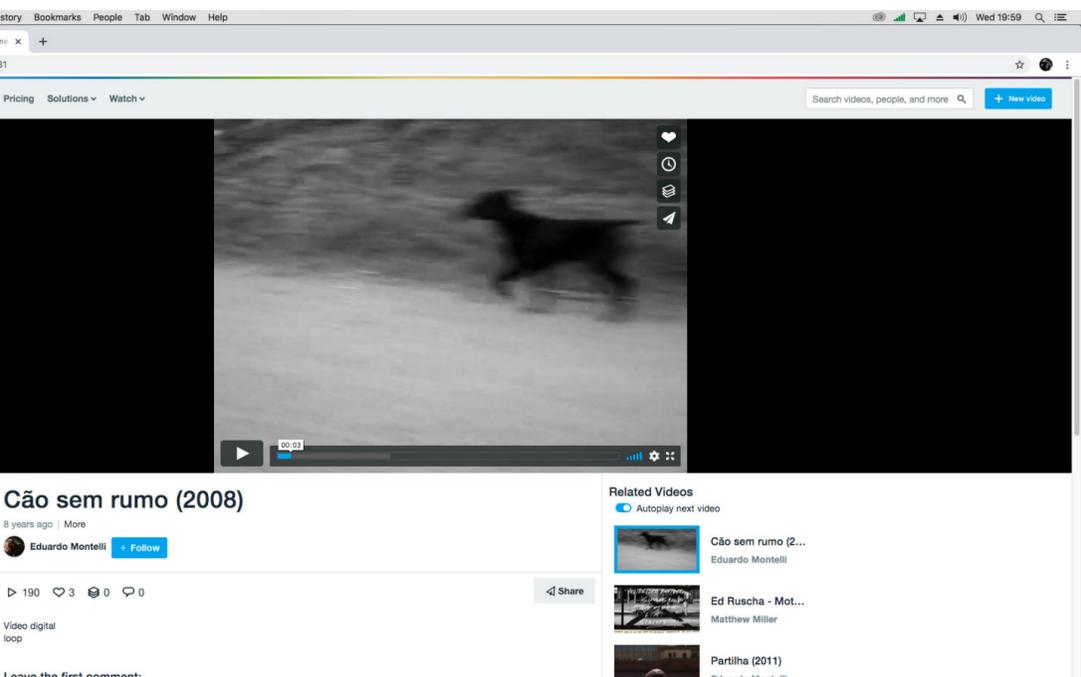


Imagem que mostra o vídeo *Cão sem rumo*, 2008, acessível no site: *Cão sem rumo* (2008)

Pensando nisso eu volto para 2008 de novo. Eu estava fazendo aquelas filmagens clichês de paisagem em movimento através da janela do carro da minha mãe, quando passei por um cachorro solto pelas ruas. “Cão sem rumo” foi o primeiro vídeo que editei. Nesse momento eu comecei a pensar sobre a imagem em loop de acontecimentos sem início ou fim. O que vemos é um cachorro que corre e não para, saindo e entrando no enquadramento da tela. Essa figura, para mim, fala do desejo, da potência e da angústia de estar em movimento pelo próprio movimento, sem necessariamente chegar em algum lugar. Em uma sociedade marcada pela lógica da domesticação e da padronização de percursos, o livre e persistente caminhar do cão representa resistência. Como começa a trajetória de um gesto de arte, de um objeto de arte ou de um artista? Por quais caminhos circulam e até onde podem ir?



Instalação fotográfica *Cão sem rumo*, na exposição individual *Impressões diversas*, que aconteceu no Acervo Independente, em 2014

É interessante que um vídeo pode virar foto, né? Basta a gente separar os frames e mandar imprimir. Cada pedacinho mostra um momento diferente do movimento repetido do cão. Como as fotos 3x4 da minha irmã mostram o movimento de seu rosto envelhecendo. Ou se pensar desde a foto da minha mãe pequena no pátio de casa até a imagem da mão marcada na parede, também há uma espécie de movimentação. Um único lugar, o mesmo lugar, mas muitas histórias, muitas temporalidades, muitas possibilidades de pensamento e expansão. Depois eu acabei me mudando dessa casa de infância, casei com um cara, morei seis anos com ele, fiz um vídeo sobre isso também, colisão de partículas é o nome, é sobre a gente estar solto por aí, sem rumo, se debatendo, se arrastando, e de repente um impacto, um encontro, uma deformação do percurso, uma transformação, tudo diferente e os movimentos se somam e seguem.

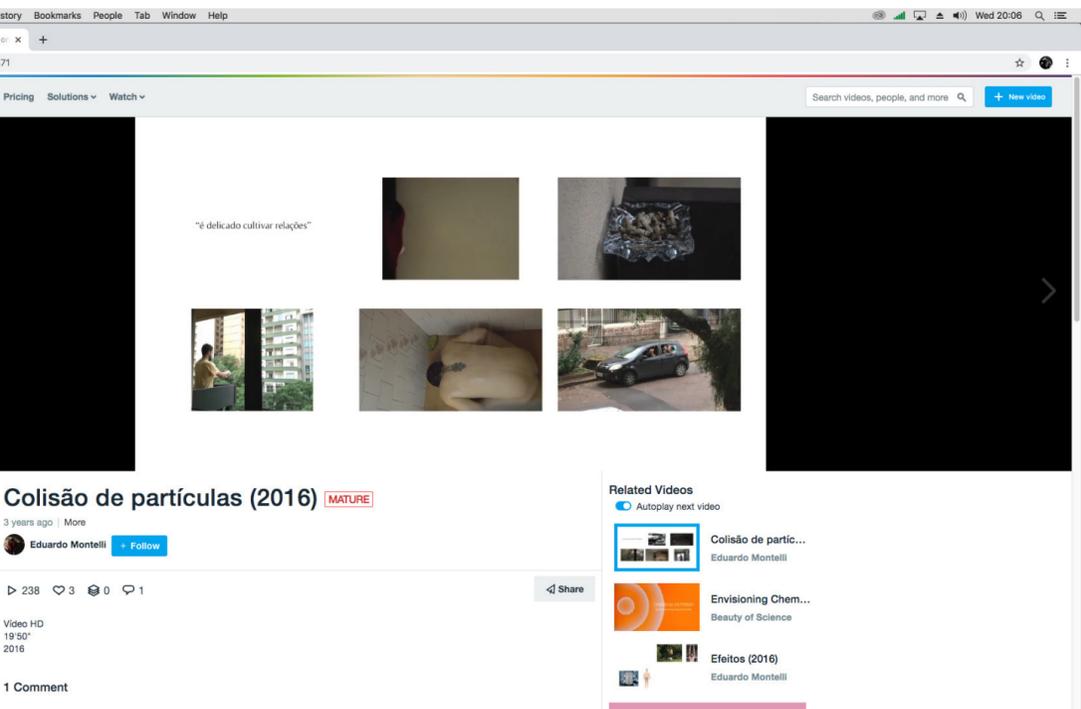


Imagem que mostra o vídeo *Colisão de partículas*, 2016, acessível no site: *Colisão de partículas*, 2016

Depois fui morar no Rio de Janeiro, fiquei dois anos lá, o mais longe que já fui do pátio, por enquanto. Nesse processo de distância, de estar sozinho, sem raízes ou vínculos fortes, percebi que o pátio mesmo é meu corpo, que onde eu estou eu posso fazer casa, posso cultivar, habitar, e trabalhar em alguma coisa para chamar de arte.

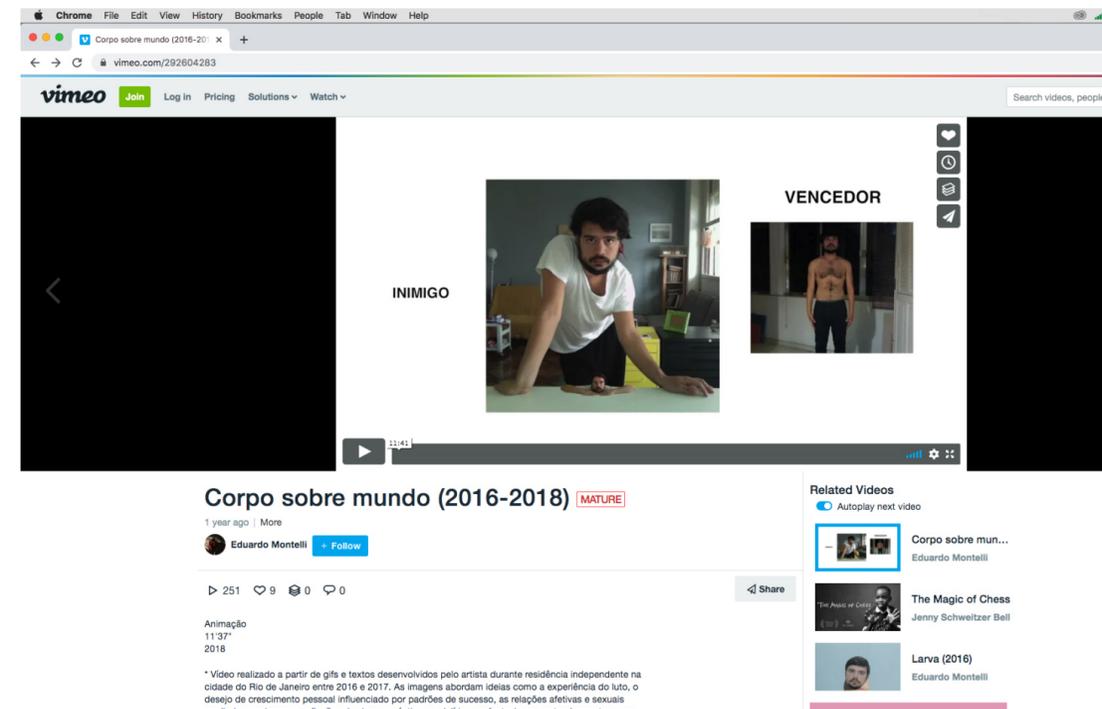


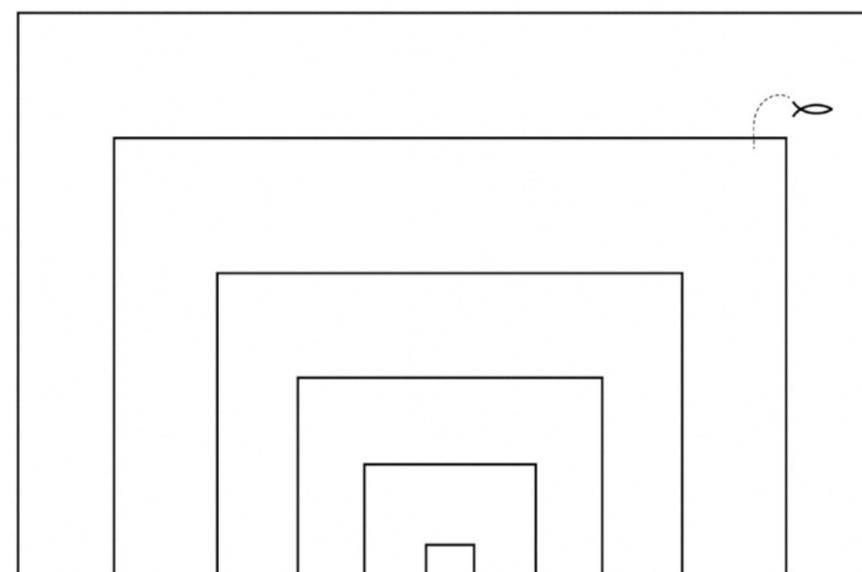
Imagem que mostra o vídeo *Corpo sobre mundo*, 2016-2018, acessível no site: *Corpo sobre mundo*, 2016-2018

Corpo sobre mundo. Onde eu estou, sou artista residente. Mas também depende de quem vai me reconhecer assim, é claro. Inventei um crachá para isso, para ver se funciona, para ver se alguém acredita em mim. Eu carregava ele sempre comigo durante o período que morei no Rio, junto com minhas carteiras de identidade.



Crachá *Artista residente*, 2016

Mas no fim de tudo isso, o que percebi mesmo é que tudo é mais complexo do que parecia lá no começo: ilhas, pátios, aquários, gaiolas, galpões, arquivos, sites, crachás de identificação. É tudo entrecruzado, a gente nunca sai ou entra de verdade, é tudo meio provisório. A identidade é uma construção permanente, assim como o corpo, os lugares e mesmo a arte.



Salto – Animação, 2018 – Acessível no site: [Salto \(2018\)](#)

Agora, aqui, nesse ponto em que estou, olho para o Eduardo menino do pátio e vejo ele percebendo que a ilha é sempre maior e mais cheia. “Habitar e descobrir”, inventa que esta será sua grande missão.

Eduardo Montelli

Doutorando em Linguagens Visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, com mestrado em Poéticas Visuais e bacharelado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sua atuação como pesquisador e artista transita entre a performance, o vídeo, a fotografia e o arquivamento. Investiga a influência de documentações, narrativas e outras formas de "inscrição de si" no modo como as pessoas vivem e como se tornam o que são. A partir de um processo de improvisação e experimentação cotidiana nos espaços que habita, produzindo imagens que entrecruzam ficção e realidade, materialidade e virtualidade, revelando uma identidade em constante construção e desconstrução. Tem participado de exposições nacionais e internacionais. Em 2019, realizou a individual Como faremos para desaparecer, na Fundação ECARTA, em Porto Alegre, Brasil, na Cologne Art Book Fair, Colônia, Alemanha, 2017 e Reply All, Grosvenor Gallery, Manchester, UK, 2016. Em 2017, recebeu o prêmio de 'Melhor GIF do ano' e foi também premiado na categoria "DOC" do Festival do Minuto com o gif Fundos; e o prêmio Habitat pelo gif Abelha na piscina. Em 2014, foi premiado no 65 Salão de Abril. eduardomontelli@gmail.com

Eduardo Montelli

Doctoral student in Visual Languages at the Postgraduate Program in Visual Arts of the Federal University of Rio de Janeiro/UFRJ, with a master's degree in Visual Poetics and a Bachelor of Arts in Visual Arts from the Federal University of Rio Grande do Sul/FURG, Rio Grande, RS, Brazil. His practice as a researcher and artist transitions between performance, video, photography and archiving. He investigates the influence of documentation, narratives and other forms of "inscription of the self" concerning the ways people live and how they become what they are. He bases his practice on the process of improvisation and daily experimentation in the spaces he inhabits, producing images that intertwine fiction and reality, materiality and virtuality, revealing an identity in constant construction and deconstruction. He has participated in national and international exhibitions. In 2019, he held the solo show How we will make this disappear, at the ECARTA Foundation, in Porto Alegre, RS, Brazil, and participated in the Cologne Art Book Fair, Cologne, Germany, 2017 and Reply All, Grosvenor Gallery, Manchester, UK, 2016. In 2017, he won the "Best GIF of the year" award and was also one in the "DOC" category at the Festival do Minuto with the gif Fundos; as well as the Habitat award for the gif Bee in the pool. In 2014, he was awarded at the 65 Salão de Abril. eduardomontelli@gmail.com